



Análise da expressão do deslocamento no português brasileiro (PB) dentro da nano-sintaxe: respostas para a variação

Valdilena Rammé (UFPR)
Teresa Cristina Wachowicz (UFPR)

RESUMO: Este artigo examina no PB o comportamento particular de alguns verbos da classe dos verbos de movimento em sua interação com as preposições *em* e *para* na expressão do deslocamento. Para nossa análise nos servimos, principalmente, da proposta de Ramchand (2008) associada a conceitos da Nano-sintaxe como é sugerido em Fábregas (2007) e Pantcheva (2007). Nossos dados e conclusões nos fizeram sugerir que, de fato, o comportamento de um verbo não é previsível somente porque ele carrega um certo traço conceitual, mas pela combinação de vários traços de número limitado. Estes traços se realizam, então, dentro de um ou mais itens lexicais, variando na sua distribuição de uma língua para outra. O que propomos ser universal é a hierarquia e o arranjo destes traços.

Palavras-chave: verbos de movimento, preposições espaciais, nano-sintaxe.

Introdução

O objetivo deste trabalho é i) apresentar uma proposta de análise do comportamento particular de alguns verbos da classe dos verbos de movimento em português brasileiro (PB) – entre eles, verbos das subclasses de movimento inerentemente direcionado (ir, partir, vir) e de maneira de movimento (correr, pular, rolar)¹ – em sua interação com a preposição locativa² *em* e com a preposição direcional *para* na expressão do deslocamento³, ii) assim como procurar translinguisticamente evidências para uma estrutura conceitual universal que tais verbos e preposições carregariam.

Nomeadamente, um dos fenômenos curiosos que nos levou a este trabalho pode ser ilustrado em (1) abaixo. Nestes casos, a leitura da estrutura [V_{maneira} + Prepl_{oc}] pode apresentar

¹ Talmy (2000), Pinker (1989), Ramchand (2008).

² Jackendoff, Bonami (1999), Pantcheva (2007), Fábregas (2007), Svenenious (2010, 2008).

³ Tem-se “deslocamento” aqui quando a sentença denota um evento de movimento que especifica o seu alvo no objeto da preposição. Ou, na nomenclatura de Talmy (2000): quando uma Figura se desloca em direção a um Fundo, em contraste com o movimento em que a Figura muda de posição em relação ao Fundo. Pinker (1989) nomeia a situação de “movimento inerentemente direcionado”.

ambiguidades, ou ainda ser totalmente diferente do comumente esperado para tal construção: em (1a) a Figura poderia estar movendo-se de um Fundo A para um Fundo B, ao contrário do aguardado, i.e., deslocamento dentro de um mesmo Fundo A. Ao mesmo tempo, em (1b), a única leitura disponível é aquela do deslocamento de um Fundo A a um Fundo B:

- (1) a. Joana correu no quarto.
b. Um passarinho voou na janela⁴.

A este fenômeno peculiar ainda se soma o fato de que, em PB, tem-se registrado um aumento na frequência da ocorrência da preposição locativa *em* com verbos de movimento direcionado para denotar deslocamento de um Fundo A para um Fundo B, como observamos em (2):

- (2) a. João foi na farmácia.
b. Maria veio na festa.

Esta mudança lexical no sistema preposicional do PB poderia sugerir que há traços envolvendo os sentidos das preposições *em* e *para* que as aproximam e permitem o seu uso nos mesmos contextos. Ao mesmo tempo, a crescente preferência pela preposição *em* na expressão do alvo do movimento poderia indicar que este item lexical apresenta alguma particularidade em relação ao seu concorrente que garante a sua inserção. É confiando nestas duas observações que desenvolveremos as análises deste artigo. Acreditamos que nossa decomposição poderá iluminar tanto o problema da variação observada na distribuição da preposição *em* com os verbos de maneira de movimento, quanto o problema da variação observada nas expressões de movimento direcionado. Voltaremos a estes tópicos nas próximas seções.

O comportamento dos verbos de maneira de movimento e das preposições tem sido amplamente discutido na literatura da Semântica e da Sintaxe, especialmente em teorias que levam em conta traços conceituais profundos⁵. Em Pinker (1989), por exemplo, defende-se a ideia que nos verbos de maneira de movimento, o traço MANEIRA⁶ regularia, através de uma

⁴ Note-se que o verbo *voar* seguido da preposição *em* não necessariamente implica que o lugar introduzido pela preposição seja a localização final do movimento. De fato, esta interpretação parece depender da natureza do local introduzido pela preposição. No entanto, em testagens anteriores percebemos que a simples distinção entre local contenedor/não contenedor não parece ser capaz de prever o licenciamento de tal leitura. Por exemplo, em “O pássaro voou na sala”, há uma clara preferência pela interpretação de que o movimento se iniciou e se desenrolou dentro do espaço ‘sala’ enquanto que em (1b), a leitura de alvo do movimento é obrigatória. Ainda, percebemos que o fato de o sujeito ser animado ou não influenciaria na alternância de leituras local/alvo (A pedra voou na igreja/O passarinho voou na igreja). Infelizmente, uma averiguação mais profunda do comportamento deste verbo em especial fugiria ao escopo deste trabalho. Neste momento, tomamos o exemplo em (1b) como uma evidência de que a construção [V_{maneira} + Prep_{loc}] pode sim denotar alvo do movimento e deixamos uma investigação mais fina do comportamento do verbo *voar* para um trabalho posterior.

⁵ Estamos usando a nomenclatura “traços conceituais profundos” seguindo Ramchand (2008). Em alguns aspectos, estes traços são conceitos cognitivos universais que acreditamos ser subjacentes às estruturas de superfície controlando suas formas. Neste sentido, poderíamos de forma bastante simplista colocá-los como sinônimo de primitivo semântico (PINKER, 1989) ou primitivo conceitual (JACKENDOFF, 1983). Voltaremos a debater esta ideia mais adiante no artigo.

⁶ Os primitivos conceituais costumam na literatura, desde Dowty (1979), serem apresentados em caixa alta. Por exemplo: MANNER, CAUSE, THING, BECOME, etc.

regra estreita, em que tipo de estruturas de superfície estes verbos poderiam aparecer. Talmy (2000) diria que os verbos de maneira de movimento estariam carregando, por uma regra de *conflação* de conceitos, tanto o traço de MOVIMENTO quanto o traço de MANEIRA, e que, tipologicamente, esta combinação estaria dividindo famílias de línguas com comportamento sintático distinto. Línguas como o inglês tenderiam a usar os verbos de maneira de movimento produtivamente para descrever a maneira específica com que um movimento é feito, enquanto que uma preposição carregaria os traços que especificariam o alvo, local, trajetória ou origem do movimento:

- (3) a. John *swam across* the river.
 b. John *ran through* the woods.
 c. John *danced to* the room.

Por outro lado, línguas como o PB tenderiam a deixar a especificação da maneira para predicções secundárias⁷. Assim, a versão para o português das sentenças em (3) seria:

- (4) a. João atravessou o rio *nadando*.
 b. João atravessou o bosque *correndo*.
 c. João foi para o quarto *dançando*.

Ainda, ao mesmo tempo em que o traço Maneira estaria dividindo tipologicamente famílias de línguas, este também estaria separando duas classes de verbos de movimento com comportamentos sintáticos diferenciados e previsíveis. Isto é, verbos de movimento que carregam o traço MANEIRA teriam um comportamento sintático distinto dos verbos que carregam somente o traço MOVIMENTO. No francês, as evidências para a existência de tal traço regulador estão no fato de os verbos de maneira de movimento serem obrigados a formar o *passé composé* (pretérito perfeito) com o auxiliar *avoir* (ter), enquanto os verbos de movimento direcionado formam o *passé composé* com o auxiliar *être* (ser, estar), exemplos (5) e (6)⁸:

- (5) Elle *a couru* (Ela correu).

- (6) Elle *est partie* (Ela partiu).

Paralelamente, no inglês, os elementos da classe maneira de movimento permitem a causativização, enquanto a classe de verbos de movimento direcionado, como o verbo *ir*, não aceitam:

⁷ Para uma melhor compreensão das predicções secundárias no PB, dirigir-se a Foltran (1999).

⁸ É importante destacar a função unicamente ilustrativa de nossa menção à alternância entre os usos dos verbos *être* e *avoir* como auxiliares de classes verbais distintas. Temos aqui o modesto intuito de ilustrar como os conceitos de Maneira e Direção poderiam estar influenciando a realização sintática de diferentes classes verbais. No entanto, há certamente muito mais a se dizer sobre este fenômeno tanto no francês como em outras línguas. Sorace (2004), por exemplo, apresenta um tratamento semântico em gradiência de traços para justificar seleção de auxiliar em diferentes línguas. Igualmente, para o leitor interessado, referimos Perlmutter (1978), Burzio (1986), Levin & Rapaport (1995), Bouchard (1995), Mateu (2002), Alexiadou, et. al. (2004), Mendikoetxea (2006), entre muitos outros.

- (7) a. The dog ran. (O cachorro correu)
b. Bob ran the dog. (*Bob correu o cachorro)
- (8) a. Sue went home. (Sue foi para casa)
b. *Bob went Sue home. (*Bob foi a Sue para casa)

Em resumo, os traços primitivos, anteriores à realização sintática, parecem estar combinando-se em tendências distintas dependendo da língua para “caírem” em lugares linguísticos específicos: no léxico verbal, na preposição, na partícula, na flexão, etc. Esta distribuição, além disso, pode influenciar e controlar a variação na estrutura sintática das línguas naturais. Este trabalho é, neste sentido, uma tentativa de esboçar a distribuição destes traços primitivos envolvendo verbos de movimento e preposições espaciais.

Para tal empresa foram analisadas qualitativa e decomposicionalmente aproximadamente 100 sentenças de falantes nativos do PB (muitas em comparação com suas versões para o inglês e o francês), selecionadas a partir de textos e processos de comunicação autênticos coletados em ferramentas de busca na *internet* (como o google.com) e corpora do Projeto NURC (<http://www.letras.ufjf.br/nurc-rj/>). Nosso corpus se limitou a enunciados do tipo [V_{maneira}+Prep_{loc}] expressando movimento real (não metafórico, como em “meus olhos deslizaram por seu corpo”) e compreendendo sentenças no presente, pretérito perfeito e no imperfeito. Nas próximas seções, ilustraremos nossa argumentação com vários destes exemplos.

1. Os verbos de movimento e as preposições: problemas empíricos

Ao examinarmos a interação das preposições locativas e das preposições direcionais⁹ com os verbos de movimento de ambas as classes aqui em discussão na codificação dos conceitos primitivos de Movimento, Maneira, Alvo e Lugar, observamos um comportamento amplamente heterogêneo, tanto translinguisticamente quanto dentro de uma mesma língua:

- (9) a. Joana foi_[trajetória] correndo_[maneira] para_[alvo] o mercado.
b. Joana ran_[trajetória, maneira] to_[alvo] the store.
c. Jeanne a couru_[trajetória, maneira] à_[alvo] le (au) supermarché.
c. Joana entered_[trajetória, alvo] the room.
d. Joana entrou_[trajetória] em_[alvo] a (na) sala.
e. Jeanne est entrée_[trajetória] dans_[alvo] la salle.

Tal fato sugeriria que a simples divisão dos verbos de movimento em classes distintas por um traço como o traço MANEIRA (proposto em algumas das teorias esboçadas na introdução) não daria conta de explicar e oferecer boas generalizações para os nossos dados empíricos. De fato, em um primeiro momento, tendo em vista o grande quebra-cabeça que se mostram nossos

⁹ Em contraste com as preposições locativas, que denotam o local onde o movimento se desenvolve, temos as preposições de trajetória (por exemplo, *até*, *através*), que indicam o caminho ou trajetória desenvolvido pela figura em movimento. Entre elas, temos preposições que expressam a rota, a origem ou o alvo do movimento. Como na literatura encontramos nomenclatura distinta e variável para nomear estas últimas, neste artigo, escolhemos chamá-las de “preposições direcionais” por motivos que ficarão mais claros no desenvolvimento deste trabalho.

dados, podemos chegar a pensar que, na verdade, não existe nenhuma classe de verbos regulando as estruturas sintáticas e que a aquisição de tais estruturas, por exemplo, se daria de um para um. No decorrer deste trabalho, contudo, esperamos mostrar que a situação não é tão desesperadora quanto parece.

Neste momento, nos atentaremos às evidências empíricas que podem funcionar a favor e contra a existência de traços conceituais regulando as estruturas de superfície em que verbos e preposições estariam aparecendo.

Ainda observando dados translinguísticos, podemos notar que ambas as classes em discussão oferecem restrições para a distribuição das preposições. Em inglês, elementos da classe dos verbos de movimento direcionado – como *go* (ir), *leave* (partir), *come* (vir) – sistematicamente bloqueiam o uso da preposição locativa *in* (em) na expressão do alvo do movimento:

- (10) #John *went in* the supermarket.
 João ir3SING-PAS emLOC o supermercado.
 João foi no supermercado.

Ao mesmo tempo, no espanhol e no PB, certos verbos de maneira de movimento bloqueiam sistematicamente a ocorrência de preposições direcionais, que ocorrem, por sua vez, livremente no inglês. Nestes contextos, como se observará nos exemplos a seguir, posto que o verbo *dançar* não codifica uma trajetória, a leitura de “o quarto” como alvo do movimento é bloqueada em PB e em espanhol, mas é licenciada no inglês. No entanto, como foi observado na avaliação deste artigo, em espanhol, a sentença em (11) não seria agramatical caso interpretássemos “Joana bailó a la habitación” como “virada para o quarto”, interpretação comum em frases do tipo “A cama está virada para a porta”. Note-se que em PB, contudo, o simples uso da preposição *para* não garante esta interpretação, possivelmente devido à produtividade da expressão “virado(a) para”. Assim, consideraremos (11a) como não-interpretável em PB e (11b) como não-interpretável no sentido de trajetória, sentido este em análise neste artigo. Comparemos (11) e (12) abaixo:

- (11) a. #João *dançou para* o quarto
 b. ?Joana *bailó a* la habitación¹⁰.

- (12) John *danced to* the room.

Contudo, como já foi mencionado, encontramos no PB um fenômeno interessante e, ousamos dizer, bastante produtivo atualmente: o uso da preposição locativa *em* com os verbos de movimento direcionado na expressão do alvo do movimento (CANÇADO, 2009, BERG, 2009, FARIAS 2006, VIEIRA 2009, JESUS 2012 para citar alguns). Tome-se como exemplo a versão para o PB do exemplo em (10), replicado em (13) abaixo:

- (13) João *foi no* supermercado.

¹⁰ Para uma discussão mais aprofundada sobre o comportamento das preposições e dos verbos de movimento no espanhol, aconselhamos ao leitor interessado a leitura de Fábregas (2007).

A este fenômeno se somam diversas outras exceções às restrições baseadas em classes verbais e em um único traço primitivo admitidas acima que são, normalmente, associadas a itens lexicais e muitas vezes ignoradas na literatura.

Para citar um exemplo antes de concluir, embora se postule que verbos da classe de maneira de movimento permitam, em geral, causativização, ilustrado em (7), alguns autores parecem ignorar que alguns verbos desta classe bloqueiam esse processo:

- (14) a. The dog ran. (O cachorro correu)
 b. Bob ran the dog. (*Bob correu o cachorro)
 c. The girl swam. (A menina nadou)
 d. *Bob swam the girl. (*Bob nadou a menina)¹¹

Levando em conta estes problemas empíricos, partimos agora para a tentativa de esboçar uma explicação para esta espantosa variação, preservando a ideia de que existe uma estrutura universal subjacente regulando a estrutura sintática de superfície em que os itens lexicais de uma determinada língua podem ocorrer.

2. Os verbos de movimento e as preposições: respostas da Nano-sintaxe para a variação

A Nano-sintaxe é uma teoria sobre a arquitetura da gramática relativamente recente que postula que o Léxico não existe como módulo independente com seus próprios primitivos e regras de combinação, mas é, na verdade, um constituinte do módulo sintático. Dentro desta linha, a questão da variação se reduz à diferença no tamanho de (partes de) árvores estocadas no Léxico/Vocabulário de uma determinada língua. Embora parte dos autores deste quadro teórico prefiram não se comprometer com questões semântico-conceituais e estejam mais preocupados em resolver problemas centrais das teorias gerativas mais recentes, observamos que, mesmo assim, a teoria busca na Semântica Decomposicional e na Cartografia evidências e argumentos para estabelecer a existência das projeções sintáticas propostas.

Analogamente, Ramchand (2008), desenvolve o que podemos chamar de tratamento semântico das estruturas. Diferentemente de teorias Lexicalistas que concebem o Léxico como um módulo anterior à Sintaxe operando com suas próprias regras e definindo a forma das estruturas de superfície, e diferentemente de algumas teorias Gerativas recentes que concebem um Léxico pós-sintático como uma lista de vocabulário cuja função seria a de checar as estruturas criadas pela Sintaxe, dentro da Nano-sintaxe, ou na Sintaxe de primeira fase, na terminologia de Ramchand (2008), o Léxico (uma lista de conceitos cognitivos universais organizados em um modelo arbóreo) é parte central do módulo sintático.

Reformulando, posto que (diversos autores deste quadro teórico, de uma forma ou de outra, assumem que) a Sintaxe é entendida como uma sequência de projeções funcionais que representam traços semânticos/cognitivos/conceituais, não haveria a necessidade de dizer que existe um nível Semântico independente organizando tais conceitos, pois eles já estariam refletidos na Sintaxe, estipulando assim que o módulo Sintático e Semântico são indissociáveis.

¹¹ Para citar alguns dos trabalhos que já tocaram nestes problemas, referimos o leitor a Levin & Rappaport (2005), Beavers (2009), Ramchand (2008) e Son & Svenonius (2008).

A contribuição Semântica para esse sistema seria a própria hierarquia dos conceitos semântico-cognitivos. A contribuição Sintática seria a observação das operações de *Merge*, *Move*, etc. que trabalhariam sobre tal sequência. Seria neste equilíbrio, da Sequência Semântica por um lado e das operações sintáticas de outro, mediadas pelo acesso ao Léxico/Vocabulário da língua, que residiria a variação. O Léxico/Vocabulário de uma língua, assim, é concebido como uma lista de itens lexicais carregando diferentes estruturas sintáticas, tanto em tamanho quanto em conteúdo.

Não explicitamente, autores que se dedicaram ao estudo das preposições, como Caha (2009) e Svenonius (2008, 2010), seguindo Starke (2009), apresentam uma visão do Léxico como um módulo no qual a Sintaxe está constantemente checando as árvores criadas, em um processo cíclico. Em outras palavras, para a Nano-sintaxe, a hipótese é que os pedaços de estrutura sintática presentes dentro de um item lexical licenciam ou bloqueiam sua inserção em uma determinada estrutura sintática. É então no constante processo cíclico de acesso da Sintaxe ao Léxico que reside o controle da maneira como determinadas estruturas sintáticas serão *spelled-out* em uma ou outra língua.

Este ponto de vista nos permitirá, como será observado na continuação deste trabalho, explicar a grande variação de estruturas de superfície já observadas mantendo a proposição de uma estrutura conceitual profunda e universal.

Deste modo, como Fábregas (2007) bem observa, seguindo por sua vez Ramchand & Svenonius (2008, *apud* FÁBREGAS, 2007), fundamentar nossa teoria na universalidade das estruturas significa assumir que se postulássemos que a estrutura de traços/projeções de um evento de deslocamento (mudança de lugar – Fundos inicial e final distintos) fosse definida como contendo um processo de movimento, uma trajetória e um lugar-alvo, toda língua que se referisse a um evento denotando (maneira de) deslocamento deveria apresentar uma estrutura sintática que, necessariamente, lexicalizasse todos esses conceitos em sua superfície, podendo, no entanto, variar no tipo e quantidade de itens lexicais usados para tal, como podemos observar nos exemplos em (9) reproduzidos abaixo:

- (15) a. Joana foi_[trajetória] correndo_[maneira] para_[alvo] o mercado.
 b. Joana ran_[trajetória, maneira] to_[alvo] the store.
- (16) a. Eu entered_[trajetória, alvo] a sala.
 b. Eu entrei_[trajetória] em_[alvo] a (na) sala.

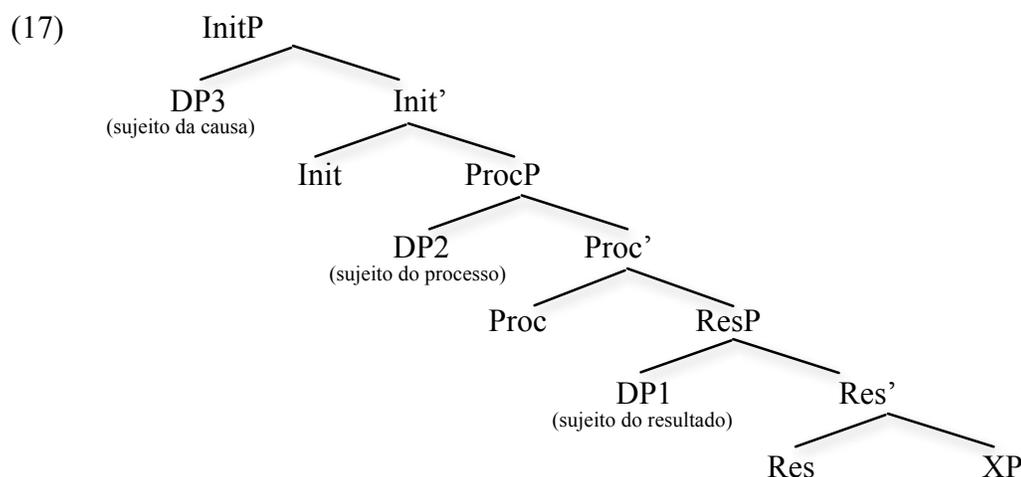
Ainda, além de permitir uma explicação elegante para a variação translinguística, uma outra vantagem de tal abordagem é que partimos da ideia de que existe apenas um módulo combinatório, e não dois ou três, com apenas um grupo de primitivos e um grupo de operações. Além de simplificar a análise, esta perspectiva elimina a necessidade de se procurar estabelecer regras de ligação entre a estrutura lexical, profunda, e a estrutura sintática, de superfície. Há duas consequências para esta constatação: a primeira delas é que frases sintáticas inteiras estariam guardadas dentro dos itens lexicais, e não apenas terminais; a segunda é que, por causa deste fato, a Sintaxe não é projetada a partir do Léxico, nem este precede e regula a Sintaxe.

Estas conclusões, por sua vez, trazem implicações sérias para um trabalho sobre a arquitetura da gramática que deseje dar conta de explicar de maneira bem sucedida seus dados empíricos: como não pode haver Léxico antes da Sintaxe, nem esta pode ser uma projeção daquele, devemos assumir uma nova versão do módulo Sintático-Semântico. Este seria um único

nível que cria itens lexicais montando árvores a partir de traços conceituais que, por sua vez, constituirão os itens lexicais.

Assim, Ramchand (2008) sugere que o significado ou representação semântica de um determinado evento é representado ao organizarem-se os seus traços conceituais em uma árvore. Para a autora, os conceitos primitivos que estariam regulando a estrutura dos eventos de movimento são: (i) INITIATOR (nó INIT) – conceito na base da distinção argumento externo vs. interno, também considerado a Causa quando implicar um processo¹²; (ii) UNDERGOER (nó PROC) – sujeito do processo: aquele que sofre alguma mudança, seja ela de estado, localização, etc; (iii) PATH (nó PATH) – complemento do UNDERGOER, este constituinte é diretamente mapeado sobre a extensão material do objeto¹³; (iv) RESULTEE (nó RES) – este constituinte define uma classe de eventos que são obrigatoriamente télicos. Os verbos que carregam esse traço indicam que seu argumento não passa simplesmente por uma mudança, ele também termina em um estado final que já é especificado pelo verbo em si (chegar, quebrar, encontrar); finalmente, o nó (v) RHEME (nó RHEM) pode ser complemento do RESULTEE ou do INITIATOR, seu conteúdo define as propriedades dos outros constituintes.

Tais conceitos, retirando-se os primitivos opcionais PATH e RHEME, estariam, por sua vez, organizados hierarquicamente no seguinte modelo (retirado de RAMCHAND, 2008):



Adicionalmente, seguindo Svenonius (2009), assumiremos que os verbos de movimento direcionado carregam, para além dos traços acima enumerados, o traço/projeção DIR encaixado abaixo do nó PROC¹⁴. Este traço estaria diferenciando expressões de movimento que denotam um alvo daquelas que não especificam nada sobre o ponto em direção ao qual o deslocamento se desenvolve.

Para justificar a nossa necessidade de postulação deste traço, façamos um pequeno parêntese antes de avançarmos na discussão. Embora uma investigação mais explícita em PB dos

¹² Compreende todas as especificações sutis relacionadas com diferentes constituintes das cadeias causais, mas só é considerado causa de fato quando implicar um processo, em caso contrário, sua existência indica somente um estado.

¹³ A presença deste constituinte implica um grupo de verbos cujo limite do evento (*boundedness*) ou ausência dele (*unboundedness*) dependerá da extensão material do objeto.

¹⁴ Para discussão sobre a relevância sintático-semântica desse traço, sugerimos a leitura de Svenonius (2008 - 2010).

conceitos de movimento, deslocamento e direção, assim como de suas relações e suas consequências para uma teoria sintático-semântica, ainda seja necessária, acreditamos ser imperativo, neste momento, diferenciar estes três conceitos mesmo que brevemente. Apesar de parecer uma declaração óbvia, tais conceitos podem confundir-se em trabalhos que se propõem a decompor os eventos de movimento na busca de primitivos semânticos ou conceituais.

No decorrer desta análise, por exemplo, citamos e voltaremos a mencionar as classes de “verbos de movimento inerentemente direcionado” ou “verbos de maneira de movimento” nos quais as ideias de movimento e direção são ao mesmo tempo distintas e centrais. Para deixar esta distinção um pouco mais clara, vamos olhar mais atentivamente para alguns exemplos do PB. Neles observaremos que **movimento** não necessariamente implica **deslocamento** e que este, por sua vez, não implica **direção**. Percebemos isso em exemplos com verbos de movimento, exemplos (18) a (20):

- (18) Joana girou sem sair um centímetro do lugar. (movimento)
- (19) ? Joana dançou sem sair um centímetro do lugar. (deslocamento)
- (20) * Joana veio sem sair um centímetro do lugar. (direção)

e na interação destes com preposições, sentenças (21) a (25):

- (21) Joana girou no palco. (movimento: ok com preposição locativa)
- (22) Joana girou para a saída (movimento: não interpretável com o sentido de deslocamento)
- (23) Joana dançou no palco (deslocamento: ok com preposição locativa)
- (24) *Joana dançou para a porta. (deslocamento: agramatical com preposições direcionais)
- (25) Joana veio para a saída (direção: agramatical com preposições que indicam direção)

Precisamos admitir que não está muito claro neste momento da análise como implementar tais conceitos de uma maneira satisfatória. Todavia, nas próximas páginas, exploraremos algumas alternativas assumindo que a interação do traço DIR (associado a verbos do PB) com os traços Trajetória-Alvo e Lugar (associado a preposições do PB) possa ser uma boa alternativa para a explicação da variação acima observada. Retomaremos a discussão desta interação na Seção 4.

Neste momento, voltemos ao que muitas línguas classificam como preposições espaciais. Ainda dentro da Nano-sintaxe, encontramos uma proposta de tratamento elegante para os primitivos semânticos que estariam edificando as relações espaciais e restringindo suas correspondências.

No decorrer dos últimos anos, teorias sintáticas filiadas a linhas distintas têm reconhecido que resumir a decomposição de uma preposição a uma PP não daria conta de explicar a grande variedade de categorias, traços e funções que parecem ter um papel fundamental no comportamento morfossintático das preposições e seus argumentos. Assim, autores dentro do quadro teórico da Nano-sintaxe (SVENONIUS, 2008, 2010; PANTCHEVA, 2007, 2011; STARKE, 2009; FÁBREGAS, 2007), construindo a partir de estudos da Cartografia e da Semântica, assumem que P possa ser decomposto em uma sequência funcional mais rica, distinguindo projeções mais finas como Trajetória e Lugar, que já aparecem em Jackendoff (1983).

Desta maneira, seguindo Pantcheva (2011), assumimos que dentre os conceitos que constituem as estruturas sintáticas que uma preposição poderia carregar estão os conceitos de

Trajetória-Rota (PATH-Route¹⁵), Trajetória-Fonte (PATH-Source), Trajetória-Alvo (PATH-Goal) e Lugar (PLACE), organizados hierarquicamente nessa ordem.

Em sua dissertação, Pantcheva (2011) desenvolve uma extensa pesquisa envolvendo o estudo das gramáticas descritivas de 81 línguas genealogicamente distintas. Como resultado, a autora estabelece que a expressão morfossintática dos conceitos de Rota, Fonte e Alvo sempre obedece esta hierarquia. Por exemplo, em línguas nas quais o conceito de Fonte é morfologicamente mais complexo que o conceito de Alvo, aquele contém o morfema que codifica este; evidência para o contrário não foi encontrada. De fato, Pantcheva (2011) encontra somente as seguintes relações para os casos em que morfemas distintos se combinam para construir um novo conceito:

- (26) a. Source path > Goal path
 b. Route path > Goal path
 c. Route path > Source path¹⁶

Esta constatação leva a autora a postular a seguinte hierarquia para a decomposição sintático-semântica das estruturas que denotam trajetórias:

- (27) Route path > Source path > Goal path

Pantcheva (2011) também leva em conta a contribuição destas projeções sintáticas para o sentido da expressão do deslocamento, construindo a partir dos trabalhos de Krifka (1998), Piñón (1993), Kracht (2002, 2008), Wunderlich (1991), Herweg and Wunderlich (1991), Nam (1995), Zwarts (2005) e Fong (1997). Assim, a autora sugere que a contribuição semântica das projeções Alvo (Goal) e Fonte (Source) seria a de codificar o sentido de *transição* de uma região a outra enquanto o nó Lugar estaria denotando a região onde se encontra a Figura.

Deste modo, a relação da projeção Trajetória-Alvo com a projeção Lugar em posição de seu complemento asseguraria o sentido de ponto final da transição denotada pelo nó Trajetória-Alvo que, por sua vez, carregaria o sentido de transição mas não de ponto final. De fato, acreditamos que esta distinção seja responsável pela alternância de sentidos das sentenças em (28):

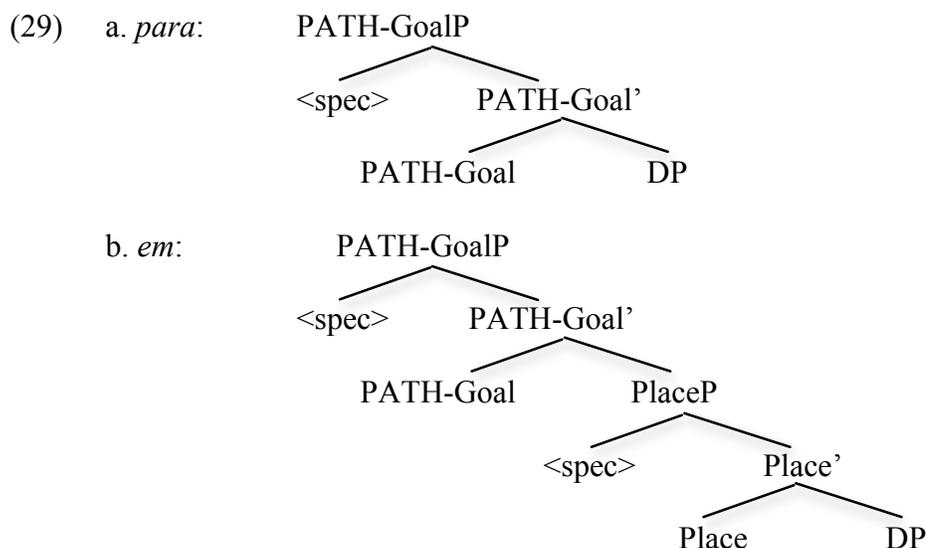
- (28) a. Joana jogou a bola para o rio.
 b. Joana jogou a bola no rio.

Em (28a), a preposição *para* garante o sentido de que o Alvo do movimento da Figura *bola* seja o rio, mas não assegura a interpretação de que o Fundo *rio* seja a região final do movimento da Figura. Já em (28b), com o uso da preposição *em*, observamos que o Fundo *rio* é a região onde a Figura se encontra ao final do deslocamento.

Portanto, levando em conta seu comportamento distinto na relação com verbos estativos e de movimento, acreditamos poder sugerir que as preposições *para* e *em* do PB carreguem as estruturas distintas decompostas em (29a-b):

¹⁵ Optamos por manter a nomenclatura no inglês quando for citação e usá-la em português quando for análise nossa. Muitas vezes, vamos usá-la em português com a versão original entre parênteses por motivos de clareza.

¹⁶ Reprodução do exemplo (14) de Pantcheva (2008, p. 54).



Esta proposta é, como já mencionamos, amparada pela hipótese de uma Gramática Universal assumida aqui. Neste sentido, Pantcheva (2011) igualmente propõe que se uma língua expressa abertamente (morfossintaticamente) uma determinada categoria funcional, então todas as línguas possuirão tal projeção, mesmo que ela não seja aberta/passível de ser decomposta morfossintaticamente¹⁷.

Enfim, a combinação dos elementos de superfície de uma determinada língua se daria, desta maneira, respeitando a hierarquia deste sistema que retomaremos abaixo, variando na quantidade de itens/morfemas que possui para codificar diferentes projeções/conceitos.

Na próxima seção, analisaremos alguns dados do PB em contraste com versões em inglês das mesmas sentenças para ilustrar os conceitos listados até aqui.

3. Análise das estruturas [V_{movimento} + Prep] dentro da Nano-sintaxe

Levando em conta as observações levantadas até aqui, nossa primeira proposta é de que a preposição *para* do PB está carregando em seu arranjo puramente o traço de Trajetória-Alvo (PATH-Goal), traço este que poderia se encaixar somente sob o nó DIR, ou seja, que ela somente formaria sentenças gramaticais com verbos que carregassem, por sua vez, tal projeção. Podemos observar a compatibilidade e a linearidade entre DIR e PATH-Goal na ilustração em (30a-b) (representação linear: o traço mais à direita é o mais profundo):

(30)	a. ir	para	o quarto.
	b. correr	para	o quarto.
	PROC-DIR	PATH-Goal	DP

¹⁷ Para o leitor interessado, referimos Starke (2009) e Pantcheva (2011) para uma discussão sobre a obrigatoriedade da presença de todos os traços nas projeções sintáticas e sobre a possibilidade de que certos nós/traços sejam mais marcados do que outros, a variação podendo residir no fato de uma língua ter material morfológico/fonético para expressar traços não marcados.

Ao mesmo tempo, a ausência do nó DIR no arranjo de um determinado verbo bloquearia o uso deste item com a preposição *para*, e sua possível co-ocorrência resultaria na produção de uma sentença agramatical. Isso aconteceria pois uma parte dos traços necessários para compor a estrutura do evento de movimento direcionado estaria faltando na estrutura de superfície produzida:

- (31) a. *dançar para o quarto.
 PROC-~~Ø~~ PATH-Goal DP

Desta forma, podemos propor que a presença do traço/nó DIR dentro de certos verbos de maneira de movimento e não dentro de outros seria capaz de explicar por que em línguas como o inglês, a versão para a sentença em (31) seria gramatical: “John danced to the room”. A variação aconteceria na especificidade dos itens lexicais que uma língua ou outra estaria usando para expressar os eventos de movimento, enquanto a estrutura subjacente do evento continuaria universal. Assim, sugerimos que a representação para o verbo *dance* teria a estrutura abaixo:

- (32) a. dance to the room.
 PROC-DIR PATH-Goal DP

Consequentemente, a ausência do traço DIR em certos itens lexicais do PB estaria bloqueando o uso da preposição *para*. Isso estaria acontecendo com os verbos *nadar*, *andar*, *dançar* e *flutuar*, enquanto que outros verbos pertencentes inicialmente à mesma sub-classe, como *correr*, *rolar* e *pular*, teriam este traço em suas estruturas, explicando a gramaticalidade/agramaticalidade das sentenças abaixo:

- (33) a. Joana correu para a escola.
 PROC-DIR PATH-Goal DP
 b. A bola rolou para o gol.
 PROC-DIR PATH-Goal DP
 c. Joana pulou para o jardim.
 PROC-DIR PATH-Goal DP
- (34) a. *Joana dançou para o quarto.
 PROC-~~Ø~~ PATH-Goal DP
 b. *O barco flutuou para a margem.
 PROC-~~Ø~~ PATH-Goal DP
 c. *Joana nadou para a margem.
 PROC-~~Ø~~ PATH-Goal DP

O fato de estarmos assumindo que itens lexicais carregam arranjos diferentes – e que o item *em* do português tem um arranjo mais complexo que aquele do item *para*, como proposto acima – nos permite explicar por que ambas as preposições podem entrar na estrutura complementar ao verbo *ir*, como no exemplo (35a-b) abaixo.

- (35) a. Ele foi em (no) o mercado.
 PROC-DIR PATH-Goal-PLACE DP
 b. Ele foi para o mercado.
 PROC-DIR PATH-Goal DP

Assumimos, neste caso, que o verbo *ir* carrega a estrutura complexa PROC-DIR e que tal estrutura aceita como complemento a estrutura PATH-Goal. Como no PB dois itens (*para* e *em*) carregam este nó, ambos podem se combinar com *ir*. O fato de a preposição *em* ter uma estrutura mais complexa não interfere nesta combinação. Na verdade, tal característica somente garantiria sua preferência.

É importante enfatizar que a análise de que a preposição *em* teria uma estrutura mais complexa do que *para* poderia explicar três dos fenômenos do PB aqui examinados. Primeiramente, o seu crescente uso com verbos de movimento direcionado já mencionado (FARIAS 2006, VIEIRA 2009, JESUS 2012). Em segundo lugar, por que sentenças como em (36) são ambíguas: em (36a), quando associada a um verbo de movimento que pode apresentar o traço DIR (Direção), sua estrutura pode encaixar-se completamente na árvore do evento direcionado, garantindo a leitura de alvo do movimento (“João correu no quarto pegar seu livro”); ou ainda, seu nó mais alto pode ficar encolhido (Condição de Ancoragem) quando associada a um verbo sem o traço DIR, como em (36b) e em (37), propiciando, assim, uma leitura puramente locativa:

- | | | | |
|------|--|-------------------------|-----------------------------|
| (36) | a. correr ₂ (ir correndo)
PROC DIR | em
PATH-Goal-PLACE | o quarto (no quarto).
DP |
| | b. correr ₁
PROC | em
(PATH-Goal-)PLACE | o quarto (no quarto).
DP |
| (37) | a. dançar
PROC | em
(PATH-Goal-)PLACE | o palco (no palco).
DP |

Finalmente, em terceiro lugar, quando em arranjo com os verbos de maneira de movimento que não contivessem o traço DIR, como (37), seu nó PATH-Goal (superior na estrutura arbórea) ficaria fora da representação, fenômeno que respeita a Condição de Ancoragem (*Anchor Condition*): tal regra regula que “uma entrada lexical pode substituir somente as estruturas sintáticas que incluam seu traço mais baixo” (PANTCHEVA, 2007). Isto é, deve-se respeitar a hierarquia dos traços que formam a árvore, e somente os traços que se encontram em uma posição mais alta no arranjo sintático podem ser ignorados ou ficar de fora da representação. Examinemos o exemplo abaixo (o traço entre parênteses estaria fora da estrutura):

- (38) a. nadar/andar/dançar/flutuar em a piscina/o parque...
 PROC (PATH-Goal)-PLACE DP

Em resumo, quando o verbo carregar o traço DIR, a estrutura completa da preposição *em* pode ser acionada para entrar no arranjo de um evento de movimento direcionado, ou então, ficar

fora da representação para se encaixar em um arranjo de movimento puramente locativo. Como não temos outro item no PB que possa ser considerado uma preposição puramente locativa – que carregasse unicamente a projeção Lugar –, será a preposição *em* que deverá servir para as duas representações¹⁸. Fato este que, dependendo da estrutura do verbo, resultará nas ambiguidades já observadas.

Nos resta, então, olhar mais de perto as leituras ambíguas permitidas por verbos do tipo *correr* + preposição *em*. Como já mencionamos, a ambiguidade é permitida pelo fato de a preposição *em* carregar, no PB, uma estrutura complexa do tipo PATH-Goal-PLACE que implicaria sentidos de alvo e de local do movimento. Todavia, somente esta constatação não daria conta de explicar por que *correr* + *em* é ambíguo enquanto que *dançar* + *em* não é.

Assim, como em Rammé (2012), sugerimos que, em PB, temos dois itens lexicais diferentes entrando na expressão dos eventos de *correr*, *pular* e *rolar* que estão, por sua vez, carregando duas estruturas distintas: a primeira seria uma estrutura contendo somente o traço PROC comum a todos os verbos de maneira de movimento, e a segunda seria um tipo de verbo de confluência que copiou a propriedade remática de MANEIRA do complemento de PROC para dentro do núcleo do verbo leve *ir*.

Tal posicionamento é possível se assumirmos um argumento encontrado em Ramchand (2008), que segue, por sua vez, Hale and Keyser (1993 *apud* RAMCHAND, 2008:91-92): alguns verbos podem incorporar os traços de seu complemento em seu núcleo de VP através de um movimento sintático que se resumiria em um processo de confluência, como definido em (39) abaixo:

- (39) Confluência: consiste no processo de copiar a assinatura-p (o conteúdo fonológico) do complemento para dentro da assinatura-p do núcleo¹⁹.

Em Rammé (2012), sugerimos que, quando dizemos *Joana correu no quarto*, temos em mente algo como o evento “Joana foi no quarto correndo”, como podemos constatar no quadro²⁰ abaixo:

Joana correu no quarto	=	Joana foi no quarto correndo
A bola rolou no gol	=	A bola foi para dentro do gol rolando

Quadro 1: *correr* = *ir correndo*.

¹⁸ Em uma língua onde houver uma preposição puramente locativa, esta terá preferência na inserção, observando-se ao mesmo tempo (a) o **Princípio do Sobreconjunto** (Superset Principle) e (b) do **Lixo Minimizado** (Minimized Trash). O primeiro garante que “quando vários itens lexicais competem, aquele que identificar o mínimo sobreconjunto de traços sintáticos é escolhido” (Starke, 2007 *apud* Fábregas, 2007). Esse princípio também assume que todo traço sintático seja *spelled-out*. Assim, uma dada estrutura poderia ser lexicalizada por mais de um item de superfície, como é o caso dos *phrasal verbs* do inglês (*enter* vs. *go in*). O segundo assume que, considerando que todos os traços sintáticos da estrutura tenham *spellout*, o item que possuir o mínimo de traços sobressalentes é inserido.

¹⁹ Adaptado de Ramchand, 2008:94.

²⁰ Reprodução parcial do Quadro 15 de Rammé (2012): Exemplos das construções *correr* vs. *ir correndo*, *escorregar* vs. *ir escorregando*, *rolar* vs. *ir rolando* e *voar* vs. *ir voando* no PB.

Como consequência destas observações, podemos verificar em (40a-b) as duas estruturas em que os verbos de maneira de movimento *correr1* e *correr2*, *pular1* e *pular2*, *rolar1* e *rolar2* + a preposição *em* podem ser inseridos²¹:

(40)	a. Evento:	PROC	PLACE	DP
	Itens lexicais:	correr ₁ /rolar ₁ /pular ₁	em	...
	Traços dos itens:	PROC	(PATH-Goal-)PLACE	DP
b.	Evento:	PROC-DIR	PATH-Goal-PLACE	DP
	Itens lexicais:	correr ₂ /rolar ₂ /pular ₂	em	...
	Traços dos itens:	PROC-DIR	PATH-Goal-PLACE	DP

Nossa proposta acima requer algumas últimas observações. Primeiramente, do ponto de vista da resolução interpretativa, assumimos que a ambiguidade dessas construções seria sempre passível de ser resolvida pragmaticamente.

Em segundo lugar, admitir a estrutura complexa da preposição *em* poderia esclarecer, como já argumentamos, a sistemática substituição da preposição *para* por essa última nas estruturas com os verbos de movimento direcionado. Uma das hipóteses propostas por Wallenberg (2013)²² é a de que os falantes de uma determinada língua tendem a preferir itens com estruturas complexas aos itens que carreguem uma estrutura mais simples.

Ousamos sugerir que dentro da hipótese da simplicidade, tanto a troca da preposição *para* pela preposição *em*, quanto a eventual incorporação da perífrase de maneira para dentro de um único item lexical (o verbo *correr*, por exemplo) poderiam ser explicadas. No primeiro caso, a preposição *em* tendo uma estrutura mais complexa garantiria sua preferência. No segundo caso, poderíamos assumir que, quando apresentados com a escolha de expressar uma estrutura conceitual complexa dentro de um único item lexical, em vez de vários, os falantes optariam pela primeira opção. Estes fatos, no entanto, ainda necessitam de checagem quantitativa em um *corpus* anotado semântica e sintaticamente no PB e translinguisticamente.

Assim, julgamos que uma verificação dos fenômenos de mudança histórica também poderia iluminar esta questão da preferência dos falantes por itens lexicais mais complexos estruturalmente. Nosso trabalho, neste momento, se desenvolve no sentido de procurar a verificação diacrônica destas hipóteses.

Considerações finais

Neste trabalho, propusemos um sucinto exame e discussão das construções [V_{movimento} + Prep] em dados do PB à luz da Nano-sintaxe, uma teoria sintático-semântica que propõe a Sintaxe e o Léxico como compondo um mesmo módulo da estrutura profunda que estaria regulando as estruturas de superfície em que os itens lexicais estariam sendo inseridos. Esta

²¹ Indicamos, novamente, a leitura de Rammé (2012) para uma análise mais detalhada deste fenômeno e outras sugestões de decomposição.

²² Hipótese proposta durante o curso “Using Parsed Corpora for the Study of Syntax and Language Change” ministrado na EILIN (Escola de Inverno em Linguística Formal) 2013 - Unicamp.

recente teoria integra o formalismo da teoria sintática e as observações de diversos autores que acreditam nos traços conceituais profundos como reguladores das estruturas das línguas naturais.

Analisamos, então, os fenômenos interessantes do PB (e do inglês, em alguns momentos) à luz desta nova proposta e sugerimos novas respostas para a grande variação encontrada na expressão das construções acima discutidas. Neste sentido, propusemos que o bloqueio que alguns verbos criam para a preposição *para* em PB se deve ao fato de que tais itens, nesta língua, não carregam o traço DIR em suas estruturas. Analogamente, sugerimos que a preposição *em* carrega um arranjo de traços mais completo que aquele que carrega a preposição *para*, explicando sua produtividade com verbos de movimento direcionado e a ambiguidade que seu uso cria ao lado dos verbos *correr*, *rolar* e *pular*.

Como este artigo é um breve delineamento desta nova abordagem da arquitetura da gramática e como, por questão de espaço, precisamos reduzir o número de fenômenos que examinamos, não foi possível abordar outras particularidades que os próprios verbos *correr*, *rolar*, *voar* e *pular* possuem, nem a ocorrência de outras preposições, como a preposição *até*, com os verbos de movimento.

No entanto, acreditamos ter apontado um possível tratamento para a variação do comportamento dos verbos de movimento que observamos no PB e pinceladamente em outras línguas. Do ponto de vista teórico, translinguisticamente, a Nano-sintaxe nos oferece um profícuo caminho para dados tão instigantes.

Analyzing the expression of movement in Brazilian Portuguese (BP) within Nanosyntax: answers to variation

ABSTRACT: This article examines in BP the distinctive behavior of some verbs belonging to the motion verbs class in their interaction with the prepositions *em* and *para* to express movement. For our analysis, we mainly make use of Ramchand's (2008) proposal associated with Nanosyntax concepts as suggested in Fábregas (2007) and Pantcheva (2007). Our data and conclusions made us suggest that, in fact, the behavior of a verb is not predictable only because it carries a particular conceptual feature, but by the combining of various features of a limited number. These features are encoded then within one or more lexical items, varying in distribution from one language to another. Nonetheless we believe that the hierarchy and arrangement of these traits are Universals.

Keywords: verbs of motion, spatial prepositions, Nanosyntax

REFERÊNCIAS

DOWTY, David. *Word meaning and montague grammar*. Dordrecht: Reidel, 1979.

FÁBREGAS, A. An Exhaustive Lexicalisation Account of Directional Complements. *Tromsø Working Paper on Language & Linguistics: Nordlyd 34.2, special issue on Space, Motion, and Result*, ed. by Monika Basic, Marina Pantcheva, MinjeongSon, and Peter Svenonius., pp. 165–199. CASTL, Tromsø. 2007. Disponível em: <http://www.ub.uit.no/baser/nordlyd/>. Acesso em: 12 out. 2013.

FOLTRAN, Maria José. *As construções de predicação secundária no português do Brasil : aspectos sintáticos e semânticos*. 1999. 206f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge/ Massachusetts, London/England: The MIT Press, 2002.

JACKENDOFF, Ray. *Semantics and Cognition*. Cambridge, MA: MIT Press, 1983.

LEVIN, B., BEAVERS, J. & THAM, S. W. 2009. Manner of motion roots across languages: Same or different? in *Roots Workshop*. Stuttgart, , June 10-12, 2009.

PATCHEVA, M. 2007. Directional expressions cross-linguistically: Nanosyntax and lexicalization, in *Nordlyd 36.1, special issue on Nanosyntax*, ed. Peter Svenonius, Gillian Ramchand, Michal Starke, and Knut Tarald Taraldsen., pp. 7–39. CASTL, Tromsø. Acessível em: <http://www.ub.uit.no/baser/nordlyd/>

_____. 2011. *Decomposing path: The Nanosyntax of Directional Expressions*. Doctoral dissertation. University of Tromsø, 2011.

PINKER, S. 1989. *Learnability and cognition: The acquisition of argument structure*. Cambridge, MA, US: The MIT Press.

RAMCHAND, G. C. 2008. *Verb meaning and the Lexicon: a first pahse syntax*. New York: Cambridge University Press.

RAMMÉ, V. 2012. *A expressão do deslocamento nas línguas naturais: análise da estrutura [Vmaneira + Preploc]*. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal do Paraná-PR.

SON, M. & SVENONIUS, P. 2008. Microparameters of Cross-linguistic variation: Directed motion and Resultatives (with Minjeong Son), in the *Proceedings of the 27th West Coast Conference on Formal Linguistics*, ed. by Natasha Abner and Jason Bishop, pp. 388-396. Cascadilla Press, Somerville, Ma.

SORACE, A. 2004. *Gradience at the lexicon-syntax interface: evidence from auxiliary selection*. In A. Alexiadou, M. Everaert and E. Anagnostopoulou (eds.). *The Unaccusativity Puzzle*, 243-268. Oxford: Oxford University Press.

SVENONIUS, P. 2010 Spatial P in English, in *Cartography of Syntactic Structures*, ed. by G. Cinque and L. Rizzi, Oxford University Press.

_____. 2008, Microparameters of Cross-linguistic variation: Directed motion and Resultatives (with Minjeong Son), in the *Proceedings of the 27th West Coast Conference on Formal Linguistics*, ed. by Natasha Abner and Jason Bishop, pp. 388-396. Cascadilla Press, Somerville, Ma.

TALMY, L. 2000. *Toward a Cognitive Semantics*, vol.1 e 2. Cambridge MA: MIT Press.

Data de envio: 30/09/2013

Data de aceite: 18/02/2014

Data de publicação: 21/07/2014